

João Ubaldo Ribeiro: o autotradutor e seu trabalho de adaptação

Dra. Maria Alice Antunes (UERJ)¹

RESUMO: *O presente trabalho tem por objetivo investigar a autotradução tal como praticada por João Ubaldo Ribeiro ao verter o romance **Sargento Getúlio** para o inglês. Ao analisar seu trabalho, discutirei suas escolhas para a versão de itens culturalmente marcados e suas declarações concedidas através de entrevista por e-mail. Durante minha análise, demonstrarei que o autor brasileiro procura atingir o leitor estrangeiro sem apagar a cultura brasileira do romance autotraduzido. Ele estabelece um critério geral para a utilização da técnica da **adaptação local**: o autor tem por objetivo “entreter e não ensinar”.*

Palavras-chave: autotradução, itens de especificidade cultural, adaptação local.

Introdução

O que faz um autor ao verter² seu próprio original para uma língua estrangeira? Alguns estudiosos do tema – a chamada autotradução – responderiam, sem dúvidas ou hesitações, que o autor aproveita o momento para reescrever seu texto. Sem usarem o termo **reescrita**, Brian Fitch (1988) e Stephen Connor (1989), por exemplo, sugerem que é o que faz Samuel Beckett quando traduz seus próprios textos. Também Jennefer Coates (1999) sugere que Vladimir Nabokov **reescrive** seus romances para adequá-los a um novo público-leitor. A meu ver, a autotradução é, essencial e fundamentalmente, uma atividade de **transformação**, pelo próprio autor, de um original que foi escrito em uma determinada língua em uma obra que será, obrigatoriamente, diferente da primeira. A diferença, inerente à atividade de tradução, é essencial, já que o autotradutor estará **transformando** o texto que produziu para apresentá-lo a leitores distintos daqueles que constituíram seu público-leitor primeiro. A novidade dessa reflexão não está na transformação em si, mas na pessoa do “transformador”, “dono” do original, livre para transformá-lo sem que seja visto como traidor.

O presente trabalho tem por objetivo investigar a autotradução tal como praticada por João Ubaldo Ribeiro ao verter o romance **Sargento Getúlio** para o inglês. Ao analisar seu trabalho, discutirei suas escolhas para a versão de itens culturalmente marcados (Franco Aixelá, 1996; Bentes, 2005) e suas declarações concedidas através de entrevista por e-mail (Antunes, 2007). Durante minha análise, demonstrarei que o autor brasileiro se preocupa com o leitor estrangeiro adaptando itens de especificidade cultural e estabelece um critério geral para a utilização da técnica da **adaptação local** (Bastin, 1998): o autor tem por objetivo “entreter e não ensinar” (Ribeiro, 1990, p. 3).

O conceito de adaptação será importante para a tentativa de compreensão do trabalho do autotradutor brasileiro e, sendo “sempre em relação à outra coisa que a adaptação tenta se definir” (Gambier, 1992, p. 424), inicio minha discussão teórica tomando por base a relação da adaptação com a tradução. Em seguida, defino a adaptação local e discuto alguns exemplos da utilização da

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Letras Anglo-Germânicas. mari-a.alice.antunes@terra.com.br

² O verbo „verter“ é usado, em português, para descrever o processo de transformação de um texto em português para uma língua estrangeira e o verbo „traduzir“ é utilizado para descrever o processo contrário (transformação de um texto em língua estrangeira para o português). Apesar de reconhecer a distinção entre os dois processos, neste trabalho utilizarei os dois verbos como sinônimos, bem como os substantivos „versão“ e „tradução“, por motivos de ordem prática.

técnica por João Ubaldo. Na última parte deste artigo, apresento algumas conclusões em relação ao trabalho de João Ubaldo Ribeiro, autotradutor.

1 Tradução e adaptação

A distinção entre tradução e adaptação tem sido calcada nos limites entre literalidade e liberdade (Gambier, 1992). Em geral, a tradução é vista como uma operação que implica maior literalidade enquanto a adaptação é tida como uma operação que implica maior liberdade. No **Dictionary of Translation Studies**, a **adaptação** é definida como „qualquer texto-alvo em que uma determinada estratégia de tradução livre é adotada. [...] geralmente envolve alterações significativas para tornar o texto mais adequado a um público ou propósito específicos“³ (Shuttleworth & Cowie, 1997, p.3). Vemos que o público-leitor e o propósito do texto desempenham papéis importantes para a definição do que seja uma adaptação, na medida em que determinam o emprego de uma estratégia de tradução mais livre. Assim, o público-leitor infanto-juvenil lê **Dom Quixote** de autoria de Miguel de Cervantes, por exemplo, em uma **adaptação** da quadrinhista inglesa Marcia Williams e não em uma **tradução**. A adaptação do romance de Miguel de Cervantes para os quadrinhos envolve a utilização de uma estratégia de tradução livre, que acarreta mudanças consideráveis, como a adequação da linguagem a um público diferente, o infanto-juvenil e a produção de um texto fluente na língua de chegada. Além disso, quando transposto para quadrinhos, o original ganha a participação do elemento visual.

Na **Encyclopedia of Translation Studies**, Georges Bastin, autor do verbete **adaptação**, define a atividade como „um conjunto de procedimentos de tradução que resultam na produção de um texto que não é aceito como tradução, mas que é reconhecido como representante de um texto fonte mais ou menos do mesmo tamanho“ (Baker, 1998, p. 5). Bastin introduz elementos interessantes em sua definição e que merecem atenção. O primeiro deles é o apelo à recepção ao texto adaptado como fator classificador, por assim dizer, de um produto. Ou seja, a cultura-alvo tem papel essencial na atribuição do *status* de tradução a um texto. Assim, segundo Bastin, a adaptação é um texto que **não é aceito como tradução** em uma dada cultura, apesar de ser produzido a partir da utilização de **procedimentos de tradução**. Outro ponto interessante, a meu ver, é a introdução do tamanho do texto como critério para definição da adaptação. De acordo com o autor, um texto em que capítulos inteiros fossem cortados, por exemplo, constituiria, provavelmente, uma versão resumida e não mais uma adaptação.

A definição de **adaptação** continua e Bastin acrescenta que „em linhas gerais, historiadores e estudiosos da tradução têm uma visão negativa da adaptação, considerando o fenômeno como distorção, falsificação ou censura“ (Baker, 1998, p. 5). Considero a observação de Bastin instigante pois revela, a meu ver, um contraste entre a teoria e a prática da tradução. Creio que adaptadores brasileiros, aqueles que assinam as chamadas adaptações, estão cercados de um prestígio maior do que os tradutores. Em geral, sabemos que um determinado material foi adaptado porque isso nos é informado na capa de um livro, assim como o nome do adaptador – muitas vezes, alguém famoso, já estabelecido em outra profissão como a de escritor, por exemplo. Uma rápida busca na *Internet* nos revela o nome de vários adaptadores famosos: Antonio Abujamra, Carlos Heitor Cony, Millor Fernandes, Maria Clara Machado. O nome do tradutor é, ao contrário, uma informação muitas vezes negada ao leitor de uma tradução a menos que o tradutor tenha a habilidade reconhecida pelo público em geral ou talvez quando o original alcança tamanho sucesso que a tradução simplesmente não pode ser negligenciada. O caso de Lia Wyler, tradutora dos vários volumes de **Harry Potter**, ilustra a questão.

No mesmo verbete da referida enciclopédia, o próprio Bastin apresenta outras possibilidades de definição de adaptação. Entre as propostas do autor, está a definição de adaptação como um dos sete procedimentos técnicos de tradução descritos por Vinay e Darbelnet (apud Baker, 1998).

³ Todas as citações extraídas de originais em inglês foram traduzidas por mim e são de minha responsabilidade.

Segundo os dois autores, a **adaptação** é um **tipo de tradução oblíqua** e deve ser utilizada quando o contexto a que o texto original se refere não existe na cultura de chegada. Além da adaptação, a tradução oblíqua envolve outros procedimentos como a **transposição**, a **modulação** e a **equivalência**, que dariam ao texto traduzido maior naturalidade. Vinay e Darbelnet (apud Shuttleworth & Cowie, 1997) argumentam também que a adaptação „representa o **limite extremo** da tradução“ (**Meu grifo**, p. 4) e que o resultado do trabalho de um tradutor que evita a adaptação pode ser um texto que „soa como uma tradução“ (p. 5). Ou, em outras palavras, uma tradução fluente exige o emprego adequado da adaptação. Ou ainda, para traduzir será necessário adaptar.

Bastin (Baker, 1998) introduz ainda dois conceitos: **adaptação local** e **adaptação global**. Para o autor, a **adaptação local** “pode ser aplicada a partes isoladas do texto para lidar com diferenças específicas entre a língua e a cultura do texto-fonte e as do texto-alvo” (p. 7). Assim, um tradutor que encontra o vocábulo **Lampião**, por exemplo, quando está vertendo um texto do português para o inglês poderá usar a técnica de **adaptação local**. Tal técnica se subdivide ainda em outras possibilidades. Entre os procedimentos que o profissional que opta pela técnica poderá utilizar, temos a **transcrição do original** (repetindo o vocábulo **Lampião**), a **omissão**, a **expansão** (explicando no corpo do texto, em nota de rodapé ou em um glossário quem foi **Lampião**), o **exotismo** (substituindo o substantivo próprio **Lampião** por um equivalente não muito próximo), a **modernização** (substituindo um termo por outro mais atual), a **equivalência funcional** (inserindo outro contexto mais familiar para o leitor estrangeiro) e a **criação** (substituindo o texto original por outro que preserve somente a mensagem essencial ou a função do original). Creio ainda que o procedimento denominado **adaptação ortográfica** por Javier Aixelá (1996) também pode ser acrescentado à lista. Ele envolve transcrições ou transliterações usadas especialmente quando a tradução envolve línguas com alfabetos distintos, como o russo e o inglês, por exemplo. Bastin argumenta ainda que a utilização da técnica de **adaptação local** terá um impacto limitado no texto como um todo.

A **adaptação global**, por outro lado, é definida por Bastin como

uma estratégia geral que tem por objetivo reconstruir o propósito, função ou impacto do original. A intervenção do tradutor é sistemática e ele(a) pode sacrificar elementos formais ou até mesmo o sentido para reproduzir a função do original (Baker, 1998, p. 7).

Teríamos incluídos aí os textos adaptados para um público específico, como a série recentemente lançada pela Editora Objetiva em que o editor, tradutor e músico Fernando Nuno adaptou **Hamlet** e **Romeo and Juliet**, de autoria de William Shakespeare, para o público leitor jovem. É importante notar também que a escolha da **adaptação local** parte do tradutor que tem essa técnica em seu repertório. A opção pela **adaptação global**, por outro lado, depende de outros fatores, como, por exemplo, de uma decisão dos editores.

Para os propósitos da investigação que apresento aqui, tomarei por base a definição de **adaptação local** apresentada por Bastin. Considero, assim, que a **adaptação local** é uma técnica de tradução que envolve a utilização dos procedimentos descritos acima. Considero também, como Bastin, que há, em princípio, condições determinantes para a utilização da técnica: (i) quando não há termos equivalentes na língua alvo; e, (ii) quando o contexto a que se refere o original não existe na cultura alvo. É importante salientar que Bastin tece suas considerações, aparentemente, em relação à tradução e não à autotradução, objeto de minha pesquisa. Trato de um romance que foi, em princípio, aceito pelo público norte-americano como tradução, já que as resenhas publicadas em jornais norte-americanos à época do lançamento do romance avaliam o trabalho do **tradutor**⁴. Meu

⁴ A recepção do romance pelo público norte-americano, explicitada nas resenhas publicadas em jornais norte-americanos, foi tema de monografia apresentada à professora Márcia Martins, como um dos requisitos necessários para aprovação na disciplina Tópicos em Estudos da Tradução (*Relações entre tradução, cultura e literatura a partir de estudos de caso*), no programa de Pós-Graduação em Letras, área de Estudos da Linguagem, na PUC-Rio.

trabalho consistirá então na comparação entre original e tradução para analisar como João Ubaldo Ribeiro procurou utilizar a técnica de **adaptação local** com certa parcimônia, fazendo escolhas condicionadas pela narrativa e por seus objetivos.

2 Sargento Getúlio & Sergeant Getúlio

João Ubaldo usa procedimentos diversos quando traduz itens de especificade cultural. Apresento a partir de agora alguns exemplos ao mesmo tempo em que discuto o impacto da utilização da técnica.

Exemplo 1:

Na hora que arrocha, se vão-se todos para o cachaprego. Levei diversos. **Luiz Carlos Preste. Luiz Carlos Preste.** (Ribeiro, 1971, p. 18)

When things get tough they vanish in the air. I got a lot of them. **Luiz Carlos Preste. Luiz Carlos Preste.** (Ribeiro, 1978, p. 11)

No primeiro exemplo, João Ubaldo usa o procedimento da **transcrição do original** ao repetir o item „Luiz Carlos Preste“. O impacto da referência é distinto, pois ao encontrar o item no texto, o leitor brasileiro usa sua competência enciclopédica (Eco, 1979) para construir o significado. É parte da competência do leitor do original que Luiz Carlos Prestes foi um dos líderes mais importantes do Partido Comunista Brasileiro e que foi líder clandestino de uma revolução operária fracassada. Ao encontrar o item no texto em português, o item culturalmente marcado „Preste“ é imediatamente associado ao „comunismo“ dos manifestantes. A competência enciclopédica do leitor do original é um instrumento importante, facilitador da interação com o texto. O leitor da autotradução, por sua vez deverá usar suas habilidades de leitura para estabelecer a co-referência entre o pronome demonstrativo *that* e „Luiz Carlos Preste“, concluir que este foi uma figura importante (já que os manifestantes gritavam seu nome) e, com o auxílio do co-texto, concluir também que „Preste“ foi um comunista. Assim, o leitor da autotradução constrói sua competência através da interação com o texto. João Ubaldo comenta que não tinha interesse em ensinar história (1990, p. 4) e sua opção pela manutenção do item sem explicá-lo em detalhe através de uma glosa intratextual, nota explicativa ou de um glossário, por exemplo, é, a princípio, coerente. Além disso, e principalmente, o co-texto oferece pistas que o autotradutor considera suficientes para que a interação texto-leitor aconteça.

É importante notar que a utilização do procedimento da transcrição do original tem como consequência a manutenção da presença do estrangeiro no texto traduzido. Ao repetir o termo „Luiz Carlos Preste“, João Ubaldo mantém presente a cultura brasileira e ajuda a dar ao texto o „ar traduzido“ (e-mail, 24/09/2003), estava entre seus objetivos ao verter seu romance para o inglês. Compreendo o „ar traduzido“ como a tentativa de fazer com que o leitor encontre obstáculos durante sua leitura e assim perceba que está diante de uma tradução. A repetição do nome de um personagem da história brasileira pode ser visto como um desses obstáculos.

Exemplo 2:

O jornal, depois o Chefe botou no outro jornal que os **integralistas** era que tinha queimado. Prender os **integralistas**, Seu Getúlio, que é para eles aprender a não queimar o jornal dos outros. Me traga essa gente toda, pelo amor de Deus. Fomos buscar e daqui a pouco estava assim de **integralistas** na frente da gente. (Ribeiro, 1971, p. 19)

As for the newspaper, afterward the boss announced in the other newspaper that it had been burned by the **Fascists**. “Get those **Fascists**, Sr. Getúlio, so they will learn not to burn other people’s newspapers. Bring me all of them, for the love of God.” We went to get them and pretty soon we had more **Fascists** in front of us than we had use for. (Ribeiro, 1978, p. 11)

No segundo exemplo, verifico que João Ubaldo opta pelo procedimento da **equivalência funcional**, substituindo „integralistas“, uma referência a um movimento nacionalista brasileiro, por *Fascists*, um item menos regional, e assim aproximou o texto do leitor estrangeiro. O fascismo é definido como „uma doutrina totalitária de extrema-direita desenvolvida por Benito Mussolini na Itália, a partir de 1919, e durante seu governo“ (v. www.pt.wikipedia.org/wiki/Facismo), mas o termo é usado freqüentemente em referência a qualquer movimento ou liderança de extrema-direita. Assim, as origens européias do fascismo e a referência mais livre a qualquer política de extrema-direita fazem com que *Fascism* seja um item de menor especificidade cultural, por assim dizer, do que o integralismo. Ao substituir „integralistas“ por *Fascists*, João Ubaldo demonstra que o leitor da autotradução é uma preocupação do autotradutor brasileiro, que tem como objetivo comunicar-se com o leitor estrangeiro.

Noto também que a substituição de „integralistas“ por *Fascists* aproxima o texto do leitor estrangeiro na medida em que o tradutor opta pelo apagamento da referência específica que o termo „integralistas“ representa. A substituição demonstra também a busca por um equilíbrio na tradução que procura „universalizar o inglês da tradução, puxando mais, no caso, para o inglês americano“ (Ribeiro, e-mail, 12/11/2003) ao mesmo tempo em que procura manter o estrangeiro no texto traduzido. Compreendo a „universalização“ citada por João Ubaldo como a tentativa de aproximação do novo público-leitor através do uso de construções gramaticais, vocabulário, técnicas e padrões em geral já conhecidos dos leitores aos quais suas traduções se destinavam. Considerando-se o desejo de se ver inserido no cânone de literatura brasileira traduzida no exterior como um dos motivos para a decisão de verter o próprio texto para o inglês (Antunes, 2007, p. 227), a „universalização“ é uma opção coerente, já que o público-leitor norte-americano é sabidamente pouco afeito a traduções, fato que se confirma na quantidade de livros traduzidos publicados nos E.U.A.: menos de 1% (Landers, 2006).

Exemplo 3:

Eu fico pensando assim aqui de preto se eu fosse para o cangaço, se tivesse cangaço. Antigamente, eu tinha raiva de cangaceiro, acho que até ontem, tresantonte, antes do antes, mas agora não tenho mais, que é que posso fazer. Pois podia ser do cangaço, depois se tivesse cangaço. Como não tem, fico aqui. Ô Amaro, iú, ô fulo, se eu fosse **Lampião** tu ia ser **Maria Bonita**? (Ribeiro, 1971, p. 115-116)

I keep thinking in my black dress, what if I went away to be a bandit if they still had bandits. There was a time when I hated bandits, I think I did until yesterday, before before, but now I don’t any longer, what can I do. Well then, I could be a bandit, then. If there were bandits. Inasmuch as there are not, I stay here. Hey Amaro, whee, hey blossom, if I were **Lampião**, would you be **Maria Bonita**, his wife? (Ribeiro, 1978, p. 106)

No terceiro exemplo, observo que João Ubaldo usa o procedimento da **transcrição do original** e repete na versão inglesa o nome de Lampião, o cangaceiro nordestino que é uma referência familiar para o leitor brasileiro, sem explicações sobre esse personagem da cultura brasileira. Verifico que João Ubaldo escolhe manter implícito o não-dito, ou o vazio (Eco, 1979) causado pela menção do nome do cangaceiro, e não adiciona nenhum tipo de informação que possa ajudar o leitor estrangeiro na interpretação da relação que Getúlio faz entre ele mesmo e Lampião.

Entretanto, ao interagir com o próprio original e ao prever os movimentos do leitor estrangeiro, o autotradutor conclui que a informação não é necessária. Depois de empregar sua competência enciclopédica (Eco, 1979) – que abrange a noção de coesão lexical, no caso – e examinar o co-texto, o leitor conclui que *bandit* funciona como um hiperônimo de Lampião. O que o leitor estrangeiro não sabe (e o co-texto não ajuda a construir, como faz com Lampião) é que Maria Bonita foi companheira de Lampião, e por isso é necessário explicitar sua condição de esposa. Na versão para o inglês, João Ubaldo usa o procedimento da **expansão** e explica o item Maria Bonita introduzindo uma glosa intratextual.

Não é surpreendente que o autotradutor opte por esse procedimento, pois ele se faz necessário para que o leitor estrangeiro possa cooperar com o texto. Esse leitor não tem informações acerca da relação entre Maria Bonita e Lampião e um vazio, considerado impreenchível pelo autotradutor impede a interpretação da brincadeira de Getúlio. Assim, a informação acerca de Lampião – um *bandit* – é registrada no texto sem necessidade de uma explicação, e é suficiente para que João Ubaldo atinja seu objetivo de „entreter e, não, ensinar“ (1990, p. 3). Já a informação acerca de Maria Bonita é necessária para que o entretenimento seja possível. Ou, em outras palavras, a prática de João Ubaldo coaduna-se com seu objetivo. Além disso, a explicação do item Maria Bonita constrói a competência necessária para a cooperação com o texto.

Exemplo 4:

Padre, ques homens são esses? Não sei, disse o padre, são graúdos, eu acho. São graúdos. Bem, primeiro é Deus nas alturas. Segundo, não sei bem. Quando eu era rapazinho, era o dono de um vapor de algodão que tinha. Quando eu era bem menino, era um moendeiro que tinha. Não sei direito, essas coisas dão uma confusão. O padre disse você não tinha nada de cortar a cabeça do tenente, agora você é desertor e não tem muito jeito para você. Ora, estou estranhando isso, nunca vi tanta besteira por causa de uma merda duma cabeça de tenente cortada. Nem que fosse patente mesmo, que ninguém anda respeitando galão mais. Foi, foi, pronto. O negócio é ser homem, foi, pronto. O tenente está no céu, seu padre, pronto, deve estar com umas asas e tocando viola e melhor do que o resto aqui de baixo. Talvez seja o padre, parece ser um padre importante. Talvez seja todos os padres, depois de Deus. Sei não. Tem **Cristiano Machado** e o **Brigadeiro** e **Getúlio Vargas**. O Governador. Não, tem as amizades. Não sei como é que isso está disposto. (Ribeiro, 1971, p. 93-94)

Priest, what men might those be? I don't know, the priest says, they are influential, I think. They are influential. Well, first is God who art in Heaven. Second, I don't know. When I was a young man, it was the owner of a cotton machine. When I was very little, it was the owner of a sugar cane machine. I don't really know, these things are confusing. The priest said, "You had no business cutting off the lieutenant's head, now you are a deserter and there isn't much that can be done for you." Now, this is all very strange, I never saw so much nonsense on account of a shitty lieutenant's head. Not even if he was high-ranking, no one has any more respect for stripes these days. It happened, it happened, that's all. One must be a man, it happened and that's it. The lieutenant is up in Heaven, Sr. Priest, all right, he must be wearing wings and playing the guitar and better off than the rest of us down here. Maybe it is the priest, he seems to be an important priest. Maybe it is all the priests, after God. I don't know. There are **the candidates for the presidency**, **Cristiano Machado** and **the brigadier** and **Getúlio Vargas**. The governor. No, there are also the friends. I don't know how all this is arranged. (Ribeiro, 1978, p. 84)

Atribuo ao autor do original a decisão de manter implícita, no texto em português, a informação que os nomes de Cristiano Machado, o Brigadeiro e Getúlio Vargas sugerem ao leitor do original. Como já havia feito com os nomes de Lampião e Maria Bonita, o escritor considera que o leitor brasileiro será capaz de cooperar com o texto fazendo referência à sua competência enciclopédica (Eco, 1979) para estabelecer, através dos nomes citados acima, uma relação com o mundo de sua própria existência. Em outras palavras, durante o processo de geração do texto original, o autor imagina um leitor que sabe que Getúlio Vargas, Cristiano Machado e o Brigadeiro (Eduardo Gomes) disputaram as eleições presidenciais de 1950 ou, pelo menos, que foram candidatos à presidência do Brasil. Entretanto, o leitor estrangeiro ao qual a tradução se destina não tem essa informação. Portanto, o autotradutor opta mais uma vez pelo procedimento da **expansão** e adiciona informações que auxiliam a cooperação com o texto. Considero a explicação importante neste trecho, já que Getúlio cita as funções ou profissões de pessoas que eram consideradas “graúdas” – o dono do vapor, o moendeiro, o padre – “depois de Deus” (1971, p. 94); ou seja, as funções servem de categorias no texto em português. Os nomes dos candidatos provocam a associação à função “candidato a presidente” pelo leitor do original, mas deixaria de desempenhar o mesmo papel no caso do leitor da autotradução.

Exemplo 5:

Outra vez, Lampião amarrou a mulher de um juiz, não sei se em Divina Pastora ou Rosário do Catete ou Capela, amarrou essa mulher desse juiz num pé de pau e botou nuazinha em pêlo. Mas já se viu uma mulher velha com tanto cabelo nas partes? Ora já se viu que indecência? Nem das piores raparigas, que é isso assim? E assuntou em cima dos oculos assim e assado e acabou arrancando todos os penteios do xibiu da mulher na frente de todos, tudo ali reunido por obrigação, porque Lampião só fazia tudo na frente de todo mundo. Ruindade era ali, matava sem idéias. Resultado, cabeça cortada na Bahia, de exposição como chifre de boi brabo. Antes porém brincou de manja com a milícia de todos Estados e deixou a marca no mundo desde os tempos de **Dão Pedro**. Dizem, nunca vi. Bicho ruim não morre fácil. (Ribeiro, 1971, p. 13-14)

There was another time, when Lampião tied up a judge's wife, maybe it was in Divina Pastora or Rosário do Catete or Capela, he tied this wife of this judge to a tree and stripped her stark naked. Now whoever saw an old woman like that with so much hair on her parts? Have you ever seen such indecency? Not even the worst whores, how about that? And he peered over his glasses this way and that way, and ended up pulling all the hairs off the woman's twat in front of everybody, everyone gathered there on Lampião's orders, because everything he did was always in front of everybody. There was great badness in him, he killed without ideas. So naturally he ended up with his head cut off in Bahia and put on exhibition like it was a wild bull's horns. But before that he played hide-and-seek with every state militia that was after him and he left his mark in the world ever since the time of **the emperor**. So they say; I never saw it myself. (Ribeiro, 1978, p. 5-6)

Note-se que João Ubaldo opta por um procedimento que não aparece entre aqueles categorizados por Bastin. O autotradutor pelo **apagamento** de um item de especificidade cultural – um personagem da história do Brasil – ao substituí-lo por um termo que não mostra especificidades. O procedimento é utilizado no momento em que saber o nome do personagem histórico não é relevante para que o leitor estrangeiro consiga construir a interpretação do texto. Pode-se apontar

que a utilização do sintagma *the emperor* tem como impacto fazer o leitor estrangeiro pensar que houve apenas um imperador na história do Brasil, mas, por outro lado, a utilização desse sintagma nominal indica mais uma vez a preocupação com esse mesmo leitor.

Discuti anteriormente que o nome de Lampião era repetido no texto sem uma explicação acerca de um dos personagens principais da história do nordeste do Brasil e argumentei que ela não era necessária. De fato, como vimos no trecho transcrito acima, a competência necessária para que o leitor estrangeiro coopere com o texto vai sendo construída durante a própria narrativa, de forma que as notas ou glosas tornam-se desnecessárias. Considero, portanto, importante destacar que os itens de especificidade cultural não devem ser analisados isoladamente. O autor constrói a competência necessária para a cooperação com seu texto deixando pistas na própria narrativa e, por isso, ao tradutor (e ao autotradutor, neste caso) caberá perceber que glosas intratextuais, notas explicativas e até mesmo glossários poderão contribuir para que o texto traduzido se torne muito didático, especialmente se repetem informações já sugeridas ao leitor no original. É o próprio João Ubaldo quem descarta a utilização de um glossário, por exemplo, já que seu objetivo era entreter o leitor (Ribeiro, 1990, p. 3).

Conclusão

Algumas conclusões e questionamentos podem ser traçados a partir da discussão sobre a tradução e a adaptação e sobre a análise de **Sargento Getúlio** (1971) e **Sergeant Getúlio** (1979).

Em primeiro lugar, apresento minhas considerações a respeito das dificuldades que a versão dos itens de especificidade cultural representaram para João Ubaldo – autotradutor cujo trabalho discuti neste breve artigo. Demonstrei que a **adaptação local** é usada por Ubaldo para lidar com tais itens, já que o autotradutor opta pelos procedimentos de **transcrição do original, equivalência funcional e expansão**. Além destes, o autotradutor **apaga** uma referência ao substituí-la por um termo que não remete a uma cultura em particular. Ressalto, entretanto, que João Ubaldo Ribeiro utiliza técnicas variadas que dependem de seus objetivos: a „universalização“ e o „ar traduzido“. Além disso, a narrativa em si é um fator determinante para as escolhas do autotradutor, já que ele quer „entretê-lo“ e não quer fazer de seu romance um texto demasiadamente didático.

No entanto, o impacto das escolhas de João Ubaldo Ribeiro é distinto. Se, por um lado, elas mantêm no texto o „ar traduzido“, objetivo do autotradutor, por outro, suas escolhas também servem ao objetivo de „universalizar o inglês da tradução“. Creio, assim, que os objetivos de João Ubaldo ajudam a levantar uma questão importante acerca da categorização proposta por Bastin. Acredito que os procedimentos apresentados por Bastin podem ser apresentados em um contínuo em cujos extremos estariam, de um lado, o afastamento do leitor estrangeiro e, do outro, a aproximação do mesmo. Um procedimento que propicia o afastamento é a transcrição do original enquanto a equivalência funcional e o apagamento propiciam a aproximação. A expansão, por sua vez, estaria localizada entre os dois extremos, pois propicia a presença de estrangeiro e nativo lado a lado.

Finalmente, considero importante ressaltar que o trabalho do autotradutor João Ubaldo Ribeiro não se diferencia do trabalho de um tradutor. Ao verter seu texto para o inglês, João Ubaldo se preocupa com a aproximação do leitor estrangeiro sem apagar as marcas da cultura brasileira. Para isso, usa os procedimentos aqui discutidos e demonstra que para traduzir é necessário adaptar.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. **O respeito pelo original.** Um estudo da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro. 2007. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BAKER, Mona (org.) **Routledge encyclopedia of translation studies.** Londres: Routledge, 1998.

BASTIN, Georges L. Adaptation. In: Baker, Mona (org.) **Routledge encyclopedia of translation studies.** Londres: Routledge, 1998, p. 5-8.

BENTES, Carla Melibeu. Clifford Landers – tradutor do Brasil. 2005. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

COATES, Jennefer. Changing horses: Nabokov and translation. In: BOASE-BEIER, Jean. & HOLMAN, Michael. (orgs.) **The practices of literary translation.** Constraints and creativity. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999, pp. 91-108.

CONNOR, Stephen. ‘Traduttore, traditore’: Samuel Beckett’s translation of *Mercier et Camier*. In: **Journal of Beckett studies** 11/12, 1989, pp. 27-46.

ECO, Umberto. **Lector in fabula.** Tradução por Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FITCH, Brian T. **Beckett and Babel.** An investigation into the status of the bilingual work. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

FRANCO AIXELÁ, Javier. Culture-specific items in translation. In: ÁLVAREZ, Roman & VIDAL, Carmen Africa. **Translation power subversion.** Clevedon: Multilingual Matters, 1996, pp. 52-78.

GAMBIER, Yves. (1992). Adaptation: une ambiguïté à interroger. **Meta**, Montreal, v. 37, n.3, p. 421-25.

LANDERS, Clifford. A tradução de romances brasileiros nos Estados Unidos. In: Palestra na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

RIBEIRO, João Ubaldo. (1971) **Sargento Getúlio.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **Sergeant Getúlio.** Boston: Houghton Mifflin Company, 1978.

_____. Suffering in translation. In: **P.T.G. Newsletter, Portuguese translation group (ATA, New York)** 3 (3), 1990, Jan/Fev, pp. 3-4.

_____. “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por maria.alice.antunes@terra.com.br em 24 de setembro de 2003.

_____. “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por maria.alice.antunes@terra.com.br em 12 de novembro de 2003.

SHUTTLEWORTH Mark & COWIE, Moira. **Dictionary of translation studies.** Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

